



Douglas Smees e Bryce Fergusson, tratando da renegociação

Brasil já não pode pagar nem os juros

ARNOLFO CARVALHO

Da Editoria de Economia

O governo já decidiu incluir os pagamentos de juros na renegociação global da dívida externa, que será iniciada tão logo o Fundo Monetário Internacional (FMI) aprove o novo acordo com o Brasil: esta questão deverá ser discutida hoje entre o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, e o subcomitê de Economia enviado a Brasília pelos bancos credores, sob coordenação do economista Douglas Smees, do Banco de Montreal.

Embora tenha caráter estritamente técnico, a missão dos economistas estrangeiros discutiu ontem a questão dos pagamentos ao exterior que estão atrasados por falta de dólares em caixa, em contatos mantidos com o chefe do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central, Alberto Sozím Furuguen, e com o coordenador de Planejamento do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea), Carlos von Doellinger, além de técnicos da área internacional.

O chefe do Subcomitê de Economia, Douglas Smees, confirmou a presença de um dos membros da missão no Itamarati, na parte da manhã, mas não quis explicar porquê os representantes dos bancos credores estão agora interessados em conversar com a área diplomática do governo. "Tudo que posso dizer é que vocês devem procurar o senhor William Rhodes, em Nova Iorque, que é o presidente do Comitê de Assessoramento — argumentou o economista canadense, ao sair de uma reunião no Banco Central, em companhia da economista Bryce Ferguson, do Citibank.

RENEGOCIAÇÃO

O contato no Itamarati foi feito pelo economista Robin S. Chapmann, do Lloyds Bank, que se reuniu durante quase uma hora com o embaixador Paulo de Tarso Flexa Lima, chefe do Departamento de Promoção Comercial do Ministério das Relações Exteriores. Entre os assuntos abordados estavam as perspectivas da balança comercial brasileira, de acordo com um técnico do Banco Central, mas não foi possível saber o motivo do interesse dos bancos nesta área. Presume-se que a renegociação da dívida será feita com a participação da área diplomática.

Durante as reuniões técnicas de ontem no Banco Central, os representantes dos bancos credores solicitaram dados estatísticos sobre a inflação, o déficit do setor público e o balanço de pagamentos, de acordo com Carlos von Doellinger. Além disso, discutiram as consequências

da retomada da tendência altista das taxas de juros internacionais sobre a dívida brasileira, analisando as alternativas para enfrentar o problema a partir do aumento das exportações ou, então, com a utilização de mais recursos externos fornecidos pelos bancos.

Os economistas, vinculados ao Comitê de Assessoramento, encarregado de gerenciar a renegociação da dívida brasileira, mostraram interesse ainda em conhecer os detalhes do novo acordo entre os Brasil e o FMI, pois ocorreram várias alterações em relação à Carta de Intenções anterior. O principal ponto de interesse dos economistas foi a situação atual do fluxo de caixa do Banco Central. Eles procuraram saber o montante de pagamentos que estão atrasados, nas relações com o exterior, bem como o mecanismo da centralização do câmbio montado para enfrentar a escassez de dólares.

De acordo com um técnico do Governo, o Subcomitê de Economia deverá permanecer no país pelo menos até o início da semana que vem, e não apenas até a próxima sexta-feira, como imaginava o Banco Central. A economista Bryce Ferguson disse que ainda não sabia ao certo a data de sua viagem de volta aos Estados Unidos, onde o grupo fará um novo relatório sobre a situação econômico-financeira do Brasil. Este documento será encaminhado ao Comitê de Assessoramento, formado pelos quatorze maiores bancos credores, que provavelmente conduzirá a nova fase de renegociação global da dívida externa brasileira.

LANGONI

Através do seu assessor de imprensa, Reynaldo Domingos Ferreira, Langoni informou que a vinda dos economistas dos bancos credores faz parte da "sistemática regular" de informações sobre a economia brasileira e as conversações têm caráter "estritamente técnico", sem qualquer poder decisório, concentrado nas mãos do presidente do comitê de assessoramento da dívida, William Rhodes, vice-presidente do Citibank.

O Banco Central informou que Smees e seus colegas deverão prosseguir no seu "trabalho estatístico e preparatório do lançamento da fase 2 de renegociação da dívida" até a próxima sexta-feira. Após os entendimentos técnicos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), concluídos na semana passada, os economistas dos bancos querem reavaliar os indicadores sobre o comportamento projetado da economia brasileira para este ano e o próximo.